
Pandemia de Covid 19 e Jornalistas Checadores de Fatos: um estudo sobre a possível ampliação da capacidade crítica por processos semióticos ¹

Marina Aparecida Sad Albuquerque de CARVALHO²

Francisco José Paoliello PIMENTA³

João Mateus Cunha Diniz ARANTES⁴

Raphael Vieira PIRES⁵

Thalita Gonçalves da ROCHA⁶

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

O artigo apresenta proposta de pesquisa cujo principal objetivo é estudar em que medida o confronto entre a circulação de desinformação durante a pandemia de COVID-19 e os procedimentos de verificação podem levar a um aperfeiçoamento dos processos interpretativos nos jornalistas checadores de fato que gere ampliação da capacidade de autocrítica. Utilizando a metodologia pragmaticista de Peirce, lançamos a hipótese de que, ao longo dos processos interpretativos dos jornalistas checadores de fatos, no confronto entre desinformação e verificação, há uma série de limitações que, conseqüentemente, impede um aperfeiçoamento consistente da capacidade autocrítica desses jornalistas. Ao longo do texto são apresentadas as bases teóricas pragmaticistas para a pesquisa, outra três sub-hipóteses e demais encaminhamentos metodológicos.

PALAVRAS-CHAVE: desinformação; checagem de fatos; pragmatismo; autocrítica; pandemia Covid-19.

INTRODUÇÃO

Após a vitória do Republicano Donald Trump nas eleições de 2016, nos Estados Unidos, e o resultado do plebiscito de junho de 2016 (*Brexit*), no qual a maioria dos eleitores britânicos decidiram que o Reino Unido deveria deixar a União Europeia, os termos desinformação e notícias falsas passaram a ser mais conhecidos. Investigações posteriores apontaram para a participação da empresa inglesa Cambridge Analytica na compra de informações pessoais de usuários de redes sociais para traçar perfis psicológicos

¹ Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF, e-mail: marina_sad@hotmail.com.

³ Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP; professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF, e-mail: fpaoliello@gmail.com.

⁴ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF, e-mail: joamateusdiniz@gmail.com.

⁵ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF, e-mail: raphavpires@gmail.com.

⁶ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF, e-mail: thalitarochafotografa@gmail.com.

detalhados e influenciar comportamentos tanto no *Brexit* quanto nas eleições estadunidenses por meio das próprias redes sociais (LEWIS; HILDER, 2018; ROSEMBERG; CONFESSORE; CADWALLADR, 2018).

Também houve investigação sobre a influência da Rússia na eleição de Trump. A hipótese foi de que a Agência de Pesquisa em Internet, uma companhia ligada ao governo russo, teria divulgado mensagens de cunho desinformativo no Facebook, Twitter e Youtube de forma a, supostamente, criar controvérsias entre os eleitores e incentivá-los a não votar para gerar uma crise na sociedade estadunidense (ISAAC; WAKABAYASHI, 2017; TIMBERG, 2017).

No Brasil, o Jornal Folha de São Paulo denunciou um possível esquema de envio de mensagens contra o Partido dos Trabalhadores (PT) no aplicativo WhatsApp. Caracterizando doação para campanha por empresas, uma ação proibida pela legislação eleitoral do país, companhias apoiadoras do então candidato Jair Bolsonaro teriam comprado o serviço de disparo em massa usando a base de apoiadores do próprio político, quando os números de telefone são cedidos voluntariamente por partidários. Somado a isso, teriam utilizado, ainda, bases de usuários adquiridas de terceiros, na maioria das vezes, fornecida ilegalmente por companhias de cobrança ou por funcionários de agências telefônicas. Nesse último caso, ocorria outra ilegalidade proibida pela legislação eleitoral brasileira: a compra de base de terceiros (MELLO, 2018).

Mais recentemente, com o surgimento do novo tipo de coronavírus e o anúncio da pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS), em março de 2020, rapidamente se espalha pelo mundo uma série de informações imprecisas e duvidosas. “Não estamos apenas combatendo uma epidemia, estamos combatendo uma infodemia” afirmou Tedros Adhanom Ghebreyesus (apud ZAROCOSTAS, 2020, tradução nossa), diretor geral da OMS durante Conferência de Segurança em Munique, em 15 de fevereiro de 2020.

A OMS classifica como infodemia o aumento no volume de informação sobre um determinado assunto, com crescimento exponencial em um curto período de tempo, devido a um incidente específico, como a pandemia, o que propicia a propagação de rumores e de desinformação, além da manipulação de informação (ORGANIZAÇÃO..., 2020). A diretora da OMS que elaborou a estratégia para combater o risco da infodemia,

Sylvie Briand (apud ZAROCOSTAS, 2020), explica que é comum uma pandemia ser acompanhada por uma grande quantidade de informação. Atualmente, para ela, a diferença está nas redes sociais digitais, que permitem a amplificação desse fenômeno, fazendo com que as informações se espalhem mais rapidamente e com maior alcance.

Neste cenário, torna-se essencial estudar os processos comunicacionais de desinformação durante a Pandemia de Covid-19, de forma a se compreender suas peculiaridades e, por meio de um movimento indutivo, apontar caminhos também para outros contextos desinformativos, como os ocorridos em eleições, por exemplo. A proposta de pesquisa a ser apresentada neste artigo tem por objetivo verificar a possibilidade de ampliação da capacidade de autocrítica ao longo do processo interpretativo nos jornalistas checadores de fatos a partir do confronto entre a desinformação e a verificação de fatos.

Segundo Pimenta (2016), os ambientes comunicacionais multicódigos atuais, possibilitados pelas redes digitais, podem favorecer o aprimoramento dos processos interpretativos e gerar uma consequente efetividade comunicacional. Primeiro, é importante pontuar que, quando o autor se refere a multicódigos, fala sobre a comunicação que se realiza de forma sinestésica, ou seja, a partir da hibridização dos códigos. Sendo assim, os signos podem representar seus objetos com múltiplos padrões de semelhança, seja de forma tátil, visual, sonora e verbal, o que tenderia a levar as mentes interpretadoras a terem mais consciência de seus processos e hábitos inferenciais (PIMENTA, 2016)⁷.

A partir dessas ideias, faz-se necessário pesquisar de que forma outros fatores presentes neste ambiente multicódigo interferem no aprimoramento do processo interpretativo dos checadores de fatos, conforme apresentaremos ao longo do artigo.

⁷ O aprimoramento dos processos interpretativos e a efetividade comunicacional está relacionada ao terceiro ou último interpretante lógico. “Este Interpretante avança, em relação aos demais, de um caráter de interpretabilidade ligada à esfera dos sentimentos ou da ação, para se constituir numa operação cognitiva diferente, de mudança de hábito, com caráter coletivo e um horizonte de alta generalidade. (...) Desta forma, a excelência dos processos comunicacionais está relacionada à capacidade das mentes interpretadoras chegarem a tal operação cognitiva, o que inclui a submissão a uma permanente heterocrítica por parte de outras mentes e, ainda, ao máximo possível de autoconsciência de seus próprios processos inferenciais” (PIMENTA, 2016, p. 133-134).

A POSSIBILIDADE DA AMPLIAÇÃO DA CAPACIDADE DE AUTOCRÍTICA

Tendo em vista que o principal objetivo do estudo é pesquisar a possibilidade de ampliação da autocrítica ao longo do processo interpretativo dos jornalistas checadores de fatos, nossa base teórica será o Pragmaticismo de Charles S. Peirce (1839-1914), pois o lógico buscava compreender os processos de significação complexos e a evolução da conduta racional. Peirce desenvolveu e aprimorou uma Máxima Pragmática que pudesse ser aplicada aos processos de representação que envolvem o pensamento, como o que estamos estudando, e, portanto, à categoria de Terceiridade, onde prevalece as trocas signílicas mais genuínas, de caráter predominantemente lógico.

Reescrita várias vezes ao longo das diferentes fases da vida intelectual de Peirce, para Neshier, (1983, p. 240), a máxima mais representativa de fase madura do lógico seria a de 1907: “Considere quais os efeitos que concebivelmente poderiam ter as consequências práticas que você concebe que o objeto de sua concepção tem; então, o hábito mental geral que consiste na produção destes efeitos é o significado total de seu conceito” (Peirce, 1907: MS 318).

Nessa versão, o significado do conceito é associado a uma possível mudança de hábito como consequência dos resultados de um processo investigativo (PIMENTA, 2016). Assim, o que procuramos pesquisar é, na verdade, algo próximo da mudança de hábito nos jornalistas verificadores de fatos que possa levar à ampliação da capacidade de autocrítica e, conseqüentemente, a formas inovadoras de se fazer jornalismo.

Segundo Santaella (2016), a noção de hábito é a principal responsável pela coerência entre as escalas de complexidade no trabalho de Peirce. Para compreender as ideias do lógico, é importante explicar, primeiramente, que a Fenomenologia ou Faneroscopia é a ciência que estuda a experiência sem preconceitos e objetivos, tentando representar amplamente a realidade (CP 1.2801, 5.121). Peirce propôs três categorias fenomenológicas, Primeiridade, Secundidade e Terceiridade.

A Primeiridade é o universo das possibilidades, um contínuo de qualidades, e prescinde das demais. Já a Secundidade se refere ao existencial, à ação e reação, o conflito típico daquilo que existe, englobando também as possibilidades da Primeiridade. Por fim, a

Terceiridade está relacionada a abstrações, padrões e hábitos, abarcando as possibilidades da Primeiridade e a existencialidade da Secundidade (CP 1.25, 1.35, 5.66, 1.536-537).

Peirce compreende a Terceiridade como a formação de hábitos que, segundo Santaella (2016), integra o pragmaticismo como teoria dos signos e ciências normativas (semiótica, ética e estética), o que ocorreu a partir da ideia do Interpretante Lógico. Para a compreensão desse interpretante, é importante esclarecer que, conforme Peirce (CP, 1.339), o signo é triádico, com três correlatos: signo, objeto e interpretante. O signo representa o objeto, mas porque o objeto determina esse signo, afeta-o de alguma forma. Contudo, a representação só se completa, porque causa um efeito em uma mente denominado interpretante. Pimenta e Ferreira (2019, posição 3577 do Kindle) fornecem um exemplo para a compreensão do signo triádico:

Em primeiro lugar, o objeto determina o signo. Por exemplo, existe uma casa, o objeto, e uma foto é tirada, tornando-se signo dela. A casa determina a foto por qualidades objetivas: se existencialmente é azul, aparecerá azul na foto. Já o signo determina o interpretante. Características da foto determinarão a interpretação que se fará dela. Se, em suas qualidades intrínsecas, a casa é azul na foto, será interpretada como “casa azul”. E, por meio do signo, o interpretante ainda determina logicamente o objeto, ou seja, a interpretação da foto determina a concepção sobre o objeto, uma vez que só há acesso a ele por meio da tríade. Se a casa é interpretada como sendo azul, para essa mente será uma casa azul.

Para Peirce, o objeto apresenta dois aspectos: o dinâmico, aquele que existe independente do signo, e o imediato, veiculado pelo signo, ou o que do objeto dinâmico o signo nos mostra. Por esse motivo, conforme demonstraremos, nossa segunda sub-hipótese de pesquisa refere-se às formas como os objetos imediatos, na mente dos jornalistas, tentam se aproximar do objeto dinâmico que se força sobre eles, sofrendo a interferência de fatores diversos.

Também há diferentes interpretantes, de acordo com as categorias fenomenológicas, quais sejam, Imediato, Dinâmico e Final ou Normal. Os Imediatos são todas as possibilidades interpretativas que um signo pode gerar, enquanto os Dinâmicos são as interpretações que de fato existiram, ocorreram. Por último, o Normal pode ser compreendido como uma norma de geração dos demais interpretantes (CP 8.315).

Há, ainda, uma segunda divisão dos interpretantes, também baseada na fenomenologia: interpretantes emocional, energético e lógico. O emocional refere-se a um primeiro

momento de ação do signo, que causa algum sentimento. A partir disso, pode haver outro efeito, o qual determinará algum tipo de esforço físico ou mental, sendo assim, energético. Na elaboração mental, lógica, surge, por fim, o interpretante lógico (CP 4.536, CP 5.475).

Importante ressaltar que o Interpretante não se confunde com o intérprete, mente na qual o Interpretante se desenvolve. O Interpretante gera um novo signo (CP, 1.339), iniciando um novo ciclo de determinação e representação, ou Semiose (CP 5.484), ação do signo, como Peirce a define. Isso significa que os objetos dinâmicos representados por signos visuais (imagens), sonoros (vídeos ou áudios), táteis (texturas) e verbais (oralidade e textos escritos), em um processo multicódigo, originam interpretantes que não contemplam todo o objeto, pois o signo nos conduz apenas ao objeto imediato. Sendo assim, o interpretante precisa continuar a se desenvolver, transformando-se em signo de uma tríade subsequente, dando continuidade às relações de interpretação. No exemplo da casa fornecido por Pimenta e Ferreira (2019, posição 3600 do Kindle), podemos ter, então:

Quando o interpretante inicial assume o papel de signo, o objeto pode permanecer sendo a casa, gerando, assim, um primeiro interpretante adicional, como pode, também, se constituir como a relação entre a casa e seu signo, a foto, ou, ainda, como a relação entre a casa, a foto, e seu interpretante.

O Interpretante Lógico garante que o signo seja convertido em outro signo, se compreendido como uma regra de interpretação que habitualmente é atualizada pelo intérprete, seria um significado ou efeito significativo próprio de um conceito intelectual. A partir da Máxima Pragmática de 1907, segundo Santaella (2016), Peirce, busca por um interpretante sem natureza de conceito, que seja uma apreensão intelectual do significado de um signo cujo interpretante lógico resultante vai requerer um interpretante lógico mais completo e, assim por diante, infinitamente. Conforme a pesquisadora, a busca era por um interpretante lógico que levasse o pensamento para a porta da ação deliberada.

Os conceitos podem funcionar como interpretantes lógicos comuns, e começarem a ser acompanhados por interpretantes lógicos de outro tipo, o hábito, o qual permite a continuidade, já que pode ser exercido repetidamente e regular os eventos que ocorrem sob seu governo. Como fenômeno existente, são descontínuos e transitórios, mas, na continuidade, garantem que as suas ocorrências individuais serão repetidas de acordo com certas regularidades (SANTAELLA, 2016).

Sem hábito, não existiria regra de tradução na passagem do signo para seu interpretante. No entanto, o hábito é um tipo sui generis de lei, um traço de originalidade em Peirce, pois nenhuma conformidade exata é requerida pela lei mental, o que poderia cristalizar o pensamento e prevenir a completa formação do hábito (SANTAELLA, 2016). Sendo assim, a lei da mente somente faz com que um sentimento de "mais provável" surja (EP 1: 292).

Isso significa que a lei do hábito é um princípio guia, uma força viva, um guia geral que leva a ações, mas sem aprisioná-las, sempre com algum grau de flexibilidade. Assim, o último interpretante lógico teria as características de hábito, mas de um tipo especial:

Pode ser provado que o único efeito mental que pode ser assim produzido e que não é um signo, mas é de aplicação geral, é uma mudança de hábito; o significado por uma mudança de hábito é uma modificação de tendências da pessoa para a ação, resulta de experiências anteriores ou de esforços de sua vontade ou atos, ou de um complexo de ambos os tipos de causa (CP 5.476).

A mudança de hábito completa a função de um futuro condicional com uma referência geral, um futuro condicional de uma natureza hipotética. O Interpretante lógico último aponta a natureza de evolução do interpretante final e do pragmaticismo para a lógica da abdução e o processo de investigação (SANTAELLA, 2016). Nesse cenário, a inteligência humana possui um papel importante no desenvolvimento do ideal pragmático, por meio da autocrítica e do autocontrole, os quais permitem que o interpretante lógico último seja a mudança de hábito, já que ela depende da avaliação das consequências dos hábitos de ação.

É por isso que, no teste empírico da última sub-hipótese, pesquisaremos os interpretantes gerados na checagem de fatos dos processos de desinformação durante a Pandemia de Covid-19 para investigar quais tipos predominam: os energéticos de reprodução de padrão ou os lógicos que geram reflexão e possibilitam a mudança de hábitos, justamente para observar se ocorreu um aperfeiçoamento do processo interpretativo e uma consequente ampliação da capacidade de autocrítica e do autocontrole nos jornalistas, os quais podem indicar, de fato, a presença de interpretantes lógicos mais evoluídos.

Além da autocrítica e da heterocrítica, no processo da mudança de hábitos também há a ação das ciências normativas. A ética é necessária na medida em que é um ideal que,

deliberadamente, estamos preparados para adotar. Ela é reforçada pela estética, a qual nos conduz ao ideal pragmático último. Por um lado, na estética, somos atraídos irresistivelmente para o que é admirável, ou seja, o crescimento da razão criativa no mundo; por outro lado, por meio da ética, o poder da autocrítica e do autocontrole levam à mudança de hábito, permitindo que a ação ética seja exercida por meio daquele ideal (BERGMAN, 2016; SANTAELLA, 2016). Sendo assim, a estética e a ética seriam os ideais normativos pragmáticos que impulsionariam os profissionais checadores de fatos a uma possível transformação do jornalismo no contexto da desinformação.

Por tudo isso, constata-se que a mudança de hábito assume papel central na teoria de Peirce, pois, sem ela, não pode haver evolução. Como interpretante lógico último, a mudança de hábito explicita a relação do pragmatismo evolucionário com a teoria dos signos, em que a constante mudança dos interpretantes dinâmicos tende ao interpretante final, um ideal pensável, mas concretamente inalcançável, pois a razão criativa está em constante ação.

OS AMBIENTES MULTICÓDIGOS

Conforme apontamos na introdução, segundo Pimenta (2016), os ambientes comunicacionais multicódigos possibilitados pelas redes digitais podem favorecer a transformação do pensamento e gerar efetividade comunicacional, consequência de uma excelência alcançada por meio do desenvolvimento de interpretantes lógicos. O autor elenca três possíveis causas para que os ambientes multicódigos permitam tal efetividade comunicacional, as quais se encontram no âmbito das ciências normativas de Peirce, respectivamente, estética (Primeiridade), ética (Secundidade) e lógica (Terceiridade).

A primeira delas seria o caráter sinestésico dos ambientes multicódigos, conforme também já relatamos, o qual possibilitaria representar os objetos com uma variedade de padrões de semelhança, sejam visuais, sonoros, verbais, gestuais ou hápticos. Assim, as possíveis sinestésias permitiriam relacionar “qualidades, tipos e padrões das representações multicódigos a partir dos variados padrões de semelhanças característicos de seus objetos, passíveis de ser apreendidas pelos juízos perceptivos⁸” (PIMENTA, p.

⁸ O processo perceptivo descrito por Peirce envolve três elementos (CP 7.643; CP 7.675-7). O primeiro, *percepto*, seria o que vulgarmente definimos como estímulo; algo externo cuja presença se impõe sobre nós. O segundo, o *percipuum*, é o percepto transformado pelas potencialidades e limites do sistema

52, 2016). Na prática, isso geraria aos participantes dos processos “sensações de permanente compartilhamento comunicacional possível” (PIMENTA, p. 61, 2016).

A segunda causa seria a possibilidade de os processos de comunicação multicódigos ocorrerem de forma presencial, ubíqua e imediata, pois esse tipo de comunicação permite “representações com múltiplos padrões de relações existenciais, espaciais e temporais, e também visuais, sonoras, etc, com seus objetos” (PIMENTA, p. 52-53, 2016). Dessa forma, torna-se possível ao juízo perceptivo captar os múltiplos padrões existenciais dos objetos. Na prática, haveria a “adoção de atitudes voltadas para processos comunicacionais de caráter coletivo, globalizado e instantâneo” (PIMENTA, p. 61, 2016).

A última causa é que os processos multicódigos permitiriam “representações com múltiplos padrões de lógicas sógnicas” (PIMENTA, p. 53, 2016), levando seus operadores a terem maior consciência de seus procedimentos e hábitos inferenciais pela “possibilidade de apreensão dos múltiplos padrões de lógicas sógnicas dos objetos pelos juízos perceptivos” (PIMENTA, p. 53, 2016). Na prática, ocorreria a “consciência das atuais mudanças nos processos cognitivos como meio de se obter maior eficiência comunicacional” (PIMENTA, p. 61, 2016).

Assim, durante a pandemia de Covid-19, é possível que o caráter sinestésico dos ambientes multicódigos seja o motivador de sensações de permanente compartilhamento comunicacional vivenciadas nas marcas de cem, duzentos, trezentos, quatrocentos ou quinhentos mil mortos no país, para dar apenas um exemplo, que reuniram os brasileiros em um sentimento de revolta e impotência nas postagens das redes sociais, mas também em manifestações de ruas, em ações multiplataforma. Tudo isso, em representações dos objetos com múltiplos padrões de relações existenciais, espaciais e temporais.

Tão logo o Brasil completou 500 mil mortos vítimas de Covid-19, usuários das redes e sites dos meios de comunicação tradicionais, no mundo todo, começaram a tratar o

sensorio. “O *percipuum* surge como reação instantânea não mediada pela ação do hábito” (SANTAELLA, 2005, p. 104). Quando o *percepto* se torna *percipuum*, já passa a sofrer a influência dos esquemas gerais de interpretação humanos referentes ao terceiro elemento, o juízo perceptivo. “Esse elemento de generalidade corresponde aos princípios condutores ou hábitos mentais que regulam a formação do juízo de percepção. É através do juízo perceptivo que reconhecemos aquilo que é percebido” (SANTAELLA, 2005, p. 104).

assunto em diferentes espaços, por meio de imagens, textos, áudios ou vídeos, ou seja, de forma presencial, ubíqua e imediata; em caráter coletivo, globalizado e instantâneo⁹. Além disso, parece que a comunicação multicódigos promove, ainda que de forma incipiente, uma consciência sobre as mudanças nos processos cognitivos para maior eficiência comunicacional. Os que querem se manifestar em relação ao número de mortos por Covid-19 o fazem, também, *online*, compreendendo a relevância das redes digitais na atualidade.

METODOLOGIA DE PESQUISA

Conforme vimos, o Interpretante lógico último aponta a natureza de evolução do pragmaticismo para a lógica da abdução e o processo de investigação. Diante disso, propomos uma metodologia baseada no pragmaticismo de Peirce, a qual foi descrita por Pimenta (2016) e Pimenta e Carvalho (2019), nos quais nos baseamos para apresentar as ideias a seguir. Peirce defende que a criação de hipóteses, por meio da abdução, a dedução de possíveis consequências práticas dessas hipóteses e a avaliação do grau de confirmação indutiva dos efeitos previstos perante os fatos observados geram resultados que podem levar à mudança de hábito (CP 2.96, CP 2.774, CP 5.144-145).

Assim, a primeira parte de qualquer pesquisa, para o Pragmaticismo, deve ser o levantamento de hipóteses a partir do problema de pesquisa, denominada Abdução (CP 5.196). As hipóteses nascem de uma associação inusitada de ideias no processo perceptivo e, ainda que sejam formas de inferências vagas, dão continuidade a todo processo de investigação. Depois de formulada, a hipótese deve ser disposta em um diagrama mental de modo que se possa alcançar seus desdobramentos a partir de experimentações mentais. Com isso, é possível subtrair os aspectos mais plausíveis para a compreensão do problema e, assim, levá-los adiante na investigação.

Depois de lançadas as hipóteses, passa-se para a fase de Dedução, ou seja, a partir do diagrama montado (sub-hipóteses), é necessário levantar as consequências práticas possíveis para que, em seguida, ocorra o teste empírico. Com isso, tem-se a intenção de que aspectos gerais das ideias, típicos das hipóteses, sejam transportados para uma

⁹ Sobre a repercussão multicódigos da tragédia, ver mais em: <https://bityli.com/kwtu8>, acesso em 28 jun. 2021; <https://bityli.com/Aa4QG>, acesso em 28 jun. 2021; <https://glo.bo/3z2bVIW>, acesso em 15 jul. 2021; <https://glo.bo/3wLyI3D>, acesso em 15 jul. 2021; <https://bit.ly/3xUSOdv>, acesso em 15 jul. 2021.

realidade concreta, tornem-se eventos singulares, por meio de inferências dedutivas (CP 4.549).

Com as hipóteses já lançadas, levantadas suas possíveis consequências práticas, é momento da Indução, por meio da qual as hipóteses passarão pelo teste empírico, necessário na medida em que é preciso ir além da mente do pesquisador, procurando um certo padrão para os processos estudados. De posse dos resultados do teste, busca-se alcançar a lei que está à frente da regularidade do fenômeno estudado, analisando qual grau de confirmação obtiveram na pesquisa (CP 8.209).

Em nossa pesquisa, por exemplo, por meio da abdução, lançamos a hipótese de que, ao longo dos processos interpretativos dos jornalistas checadores de fatos, no confronto entre desinformação e verificação, há uma série de limitações que, conseqüentemente, impede um aperfeiçoamento consistente da capacidade de autocrítica desses jornalistas.

Por meio das experimentações mentais, encontramos três sub-hipóteses relacionadas às categorias fenomenológicas propostas por Peirce. Na primeira, propomos que a identificação da origem da desinformação, se robótica ou humana, tem potencial para auxiliar o processo de verificação, contribuindo para a sofisticação da autocrítica dos jornalistas verificadores de fatos. Na segunda, suspeitamos que é estabelecido um conflito no processo interpretativo dos jornalistas face ao confronto entre a insistência da dinâmica dos fatos em se ver representada e os interesses comerciais e políticos das empresas encarregadas da verificação, além da forma de “empacotamento” das notícias. Na terceira, supomos que a forma como ocorrem os procedimentos de checagem, na maneira de identificação da origem da desinformação e na presença dos diversos interesses atuantes, limita os efeitos da verificação sobre o processo interpretativo dos jornalistas checadores e, conseqüentemente, sobre as interpretações do público que se interessa pelos conteúdos examinados.

Em seguida, passamos para a fase de dedução, em que levantamos as possíveis consequências práticas das hipóteses. Referente à primeira sub-hipótese, deduzimos que as checagens não levarão em consideração se a desinformação ocorreu a partir de humanos ou de robôs, apenas citarão as plataformas de circulação e utilizarão fontes oficiais ou reportagens para trazer mais credibilidade para a verificação. Assim, prevemos

que não haverá atenção em relação a um fator que pode vir a modificar os processos de checagem e, conseqüentemente, o processo interpretativo dos jornalistas.

Em relação à segunda sub-hipótese, tendo em vista o grande número de desinformação que circula, já que parte de esforços humanos e robóticos, nem todas as informações duvidosas existentes serão verificadas, e os jornalistas acabarão influenciados por valores comerciais e políticos (precariedade do serviço, sobrecargas de trabalho, lealdade e adesão ideológica à empresa, influência do Vale do Silício), além dos valores-notícia, para selecionar os conteúdos que serão checados. Tais critérios também estarão presentes na forma como as informações verificadas tentam se aproximar da verdade.

Referente à terceira sub-hipótese, deduzimos que os procedimentos de checagem, influenciados pelos fatores observados nas sub-hipóteses anteriores, não possuirão a força para a ampliação da capacidade autocrítica (e até da heterocrítica) ao longo dos processos interpretativos dos jornalistas que poderiam resultar em novas formas de verificação e de se fazer jornalismo. Isso significa que o jornalista não alcançará interpretantes lógicos mais desenvolvidos que transformem as formas vigentes de jornalismo, prevalecendo os interpretantes energéticos de repetição de padrões anteriormente estabelecidos ou interpretantes lógicos menos desenvolvidos que não geram mudança de hábitos. Com isso, o público que se interessa pelas matérias checadas continuará recebendo os mesmos formatos e conteúdos e, sem competência comunicacional, também não alcançará interpretantes lógicos mais elaborados.

Para tentar descobrir a lógica existente por trás da possível ampliação da capacidade autocrítica ao longo dos processos interpretativos nos jornalistas checadores de fatos, procederemos com o teste empírico. Nessa fase, para testar a primeira sub-hipótese, propomos realizar uma análise das checagens de forma a verificar se consideram ou não a origem da informação, se robótica ou humana. Além disso, serão entrevistados profissionais que realizam as verificações para questionar o que observamos nas checagens e uma análise semiótica para descobrir em que medida diferentes tipos de signos podem indicar origem robótica ou humana.

Já no teste empírico da segunda sub-hipótese, pretendemos identificar, nas checagens, a presença dos valores-notícia e de critérios comerciais e políticos, além de também realizar

entrevistas com verificadores para averiguar como ocorre o processo de seleção dos fatos a serem checados e quais critérios são utilizados na própria checagem. Por fim, vamos proceder uma análise semiótica das checagens para descobrir como os diferentes tipos de signos desencadeiam objetos imediatos na mente desses jornalistas em suas tentativas de representação dos objetos dinâmicos.

Para o teste da terceira sub-hipótese, as entrevistas com checadores de informação vão examinar a presença de autocrítica e heterocrítica, possíveis alterações em seus procedimentos interpretativos, principais características dessas eventuais mudanças e a receptividade que podem encontrar nas organizações em que atuam. Além disso, a partir de uma análise semiótica, queremos identificar, nas entrevistas, interpretantes emocionais, energéticos e lógicos. Por fim, pretendemos averiguar, nos comentários das postagens dos usuários das agências de verificação nas redes sociais, interpretantes emocionais, energéticos e lógicos e, a partir daí, possíveis mudanças em suas competências comunicacionais.

O corpus escolhido para a pesquisa são os conteúdos produzidos pelas agências brasileiras Lupa e Aos Fatos, além dos profissionais que trabalham nessas empresas, por terem sido essas as primeiras iniciativas de checagem de fatos no Brasil. Além disso, as agências são signatárias verificadas do código de princípios da Rede Internacional de Checagem de Fatos (International Fact-Checking Network - IFCN) e as duas únicas brasileiras que colaboram com a “Aliança #CoronaVirusFatos” (#CoronaVirusFacts Alliance), lançada em janeiro de 2020 pela IFCN, que reúne mais de cem verificadores de fatos ao redor do mundo para trabalhar os dados em torno da Covid-19 (FIGHTING..., 2020).

Vamos levantar todas as checagens sobre a pandemia de Covid-19 realizadas por essas agências em 2020 que foram publicadas no Twitter e selecionar as 10 mais comentadas, curtidas e retwittadas de cada agência. Esse material servirá como base para análise das checagens de forma a se observar se consideram ou não a origem da informação, além da presença dos valores-notícia e de critérios comerciais e políticos. Por meio desse material é que também serão realizadas as análises semióticas para descobrir em que medida os diferentes tipos de signos podem indicar origem robótica ou humana e como esses signos desencadeiam objetos imediatos nas mentes dos jornalistas. Os profissionais a serem entrevistados para os testes das hipóteses também serão os que atuaram na produção do

material analisado, e os usuários das agências de verificação nas redes sociais serão os que interagiram nos conteúdos selecionados.

Diante de tudo isso, resumimos que o objetivo da pesquisa é descobrir em que medida o confronto entre a circulação de desinformação durante a pandemia de COVID-19 e os procedimentos de verificação podem levar à ampliação da capacidade de autocrítica ao longo dos processos interpretativos nos jornalistas checadores de fato. Pretende-se, também, verificar se a origem da desinformação, se robótica ou humana, interfere no processo interpretativo desses jornalistas e de que forma valores comerciais, políticos e valores-notícia influenciam na seleção dos conteúdos que serão checados e na forma como a verificação é produzida. Por fim, pretende-se estudar se os processos de checagem promovem ampliação na capacidade de autocrítica dos jornalistas que pode resultar em formas inovadoras do fazer jornalístico pela exposição à heterocrítica e, ainda, verificar o potencial dos procedimentos de checagens para ampliar a capacidade de autocrítica e, daí, as competências comunicacionais, também no público que acessa os conteúdos verificados nas redes sociais a serem analisados no estudo.

REFERÊNCIAS

BERGMAN, Mats. Beyond Explication: Meaning and Habit-Change in Peirce's Pragmatism. *In*: WEST, Donna E; ANDERSON, Myrdene (eds). **Consensus on Peirce's**. Concept of Habit Before and Beyond Consciousness. Cham, Suíça: Springer International Publishing, 2016, p. 171-197

FIGHTING the Infodemic: The #CoronaVirusFacts Alliance. **Poynter**, São Petesburgo, [Jan. 2020?]. Disponível em: <https://bit.ly/3xMUoxY>. Acesso em 31 jan. 2021

ISAAC, Mike; WAKABAYASHI, Daisuke. Russian Influence Reached 126 Million Through Facebook Alone. **Site do The New York Times**. Washington, 30 out. 2017. Disponível em: <https://bityli.com/eKJbb>. Acesso em 14 jul. 2021.

LEWIS, Paul; HILDER, Paul. Leaked: Cambridge Analytica's blueprint for Trump victory. **Site do The Guardian**. São Francisco, 23 mar. 2018. Disponível em: <https://bityli.com/w1hrl>. Acesso em 14 jul. 2021.

MELLO, Patrícia Campos. Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp. **Site da Folha de São Paulo**. São Paulo, 18 out. 2018. Disponível em: <https://bityli.com/71nBZ>. Acesso em 14 jul. 2021.

NESHER, Dan. A pragmatic theory of meaning: a note on Peirce's 'last' formulation of the pragmatic maxim and its interpretation. **Semiotica**. [s. l], 44(3/4), p. 203–257, 1983.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. **Understanding the Infodemic and Misinformation in the fight Against COVID 19**. [s. l], 2020. Disponível em: <https://bityli.com/8mu0G>. Acesso em 18 mar. 2021.

PEIRCE, Charles S. **Collected Papers**. 8 vols. Cambridge: Harvard University Press, 1931-1958 [As referências serão designadas por CP, seguido por volume, ponto e número do parágrafo].

_____. Manuscritos - Os manuscritos de Peirce na Biblioteca da Universidade Tecnológica do Texas (Instituto de Estudos do Pragmaticismo), começando com MS - ou L para carta (*letter* em inglês) - e seguidos por um número, referem-se ao sistema de identificação estabelecido por Richard R. Robin no Annotated Catalogue of the Papers of Charles S. Peirce (Amherst: University of Massachusetts Press, 1967), disponível também em: <https://bit.ly/2UgoICj>, acesso em 15 jul. 2021; ou em Richard R. Robin, “The Peirce Papers: A Supplementary Catalog,” *Transactions of the Charles S. Peirce Society*. Alguns dos manuscritos estão disponíveis *online* em: <https://bit.ly/3rb0RA0>. Acesso em 15 jul. 2021.

_____. **The Essencial Peirce**. Bloomington, 1992, 1988. 2v [As referências serão designadas por EP, seguido pelo número do volume, dois pontos e número da página].

PIMENTA, Francisco. **Ambientes multicódigos, efetividade comunicacional e pensamento mutante**. São Leopoldo, Unisinos, 2016.

PIMENTA, Francisco; CARVALHO, Marina Aparecida Sad Albuquerque de Carvalho. **Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação**, São Leopoldo, v. 7, n. 14, p. 1-19, jul.-dez. de 2019.

PIMENTA, Francisco. FERREIRA, Soraya. Fluxos semióticos e suas consequências ontológicas nas redes. In SANTAELLA, Lucia (Org.) **Desafios humanos no contemporâneo**. São Paulo: Estação das Letras e Cores. Edição do Kindle, 2019, posição 3560-3790 do Kindle.

ROSEMBERG, Matthew; CONFESSORE, Nicholas; CADWALLADR, Carole. How Trump Consultants Exploited the Facebook Data of Millions. **Site do The New York Times**. Londres, 18 mar. 2018. Disponível em: <https://nyti.ms/3ihkFh6>. Acesso em 14 jul. 2021.

SANTAELLA, Lucia. **Matrizes da Linguagem e Pensamento**: sonora, visual, verbal, aplicações na hipermídia. 3ª Edição. São Paulo: Iluminuras – Fapesp, 2005. Edição do Kindle.

_____. The Originality and Relevance of Peirce’s Concept of Habit. *In*: WEST, Donna E; ANDERSON, Myrdene (eds). **Consensus on Peirce’s**. Concept of Habit Before and Beyond Consciousness. Cham, Suíça: Springer International Publishing, 2016, p. 153-170.

TIMBERG, Craig. Russian propaganda may have been shared hundreds of millions of times, new research says. **Site do The Washington Post**. [S. l.], 5 out. 2017. Disponível em: <https://wapo.st/3wMRaci>. Acesso em: 15 jul. 2021.

ZAROCOSTAS, John. How to fight an infodemic. **The Lancet**. Philadelphia, v. 395, p. 676, 29 fev. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3B73IUL>. Acesso em 15 jul. 2021.